

## Peripécias Analógicas: Descoberta, experimentação e vivência do ato de “queimar o filme”<sup>1</sup>

Sarah Emanuelle Marques PEREIRA<sup>2</sup>  
Marina Muniz MENDES<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### RESUMO

No mundo da fotografia, o desenvolvimento do aprendizado alinhado ao conhecimento assimilado na universidade, nas aulas práticas com câmeras digitais, saídas fotográficas, entre outras experiências estimularam a busca por mais conhecimento na área. A curiosidade ampliada no processo de educação em fotografia resultou no trabalho que detalha as peripécias vividas por alguém que nasceu quando do início da fotografia digital e busca hoje, incessantemente, o contato com uma prática quase extinta. Aventuras, descobertas, necessidades, desapontamentos, entre outras condições fazem parte do estudo sobre o ato de “queimar o filme”.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia analógica; experimentação; nostalgia; vernacular.

### INTRODUÇÃO

Com a Eastman Kodak Company, mais conhecida como apenas Kodak, em 1888 lançando a primeira máquina fotográfica (que levou o nome da própria marca) foram legítimas as diversas possibilidades sobre o assunto fotografia. O filme fotográfico, ou película fotográfica, antes apenas em preto-e-branco, ganha também negativos em cores atribuídos a ampliações em papel especial. Philippe Dubois, em seu livro *O ato fotográfico e outros ensaios*, escreve acerca do “[...]percurso histórico das diversas posições defendidas no decorrer da história pelos críticos e teóricos da fotografia quanto a esse princípio de realidade próprio à relação da imagem fotoquímica com seu referente” (DUBOIS, 1993, p.26). Sobre esse ponto e analisando coletivamente “o índice e a referência” além do “efeito de real”, as imagens, ainda segundo Dubois, seguem como a representação do que é visto. O índice representado na fotografia é praticamente tangível.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Audiovisual do GP de Fotografia, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social com Bacharelado em Publicidade e Propaganda da Universidade Feral de Goiás, email: [sarahamarques@hotmail.com](mailto:sarahamarques@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho e Professora do Curso de Comunicação Social com Bacharelado em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Goiás, email: [marinamunizmendes@gmail.com](mailto:marinamunizmendes@gmail.com)

## ABORDAGEM HISTÓRICA

A fotografia despertou na primeira metade do século XIX com a premissa de revolucionar as artes. A inspiração inicial partiu das câmeras escuras<sup>4</sup> (apetrecho constituído por uma caixa com paredes escuras, opacas, com um orifício no meio de uma das faces; um objeto é posicionado de forma que a luz atravesse de um lugar externo para o orifício atingindo a parte interna da caixa onde é reproduzida a imagem invertida e simétrica) e seu princípio básico para fotografia. Existem as câmaras escuras reflex (com espelho, que diminuiu o tamanho das câmaras e tornando as imagens mais nítidas) e aquelas sem espelhos. Os espelhos foram fundamentais até mesmo nas artes plásticas auxiliando no trabalho de visualização dos objetos, mesmo com seu tamanho e peso que dificultavam a locomoção. Os dois tipos podiam conviver juntos, da mesma maneira que analógicas e digitais convivem juntas; apesar da supremacia digital atual, assim como a supremacia das câmaras escuras tipo reflex, comparadas às sem espelho.

O processo químico para formação da imagem se baseava em uma placa de estanho coberta com um componente sensível à luz chamado betume. Outras experiências com ácidos e outros elementos foram testadas, porém todas sem muito sucesso, visto que a dificuldade relacionada à demora de exposição da fotografia e a fixação da imagem faziam com que muitas fotos não resistissem ao tempo e à luz e se desfizessem.

Aliando o betume aos sais de prata, Joseph Niépce (1765-1833) conseguiu obter imagens tendo a descoberta o nome de Heliografia, batizada pelo inventor. Daguerre (1787-1851), trabalhava em um esboço que consistia em um fundamento parecido com o do também francês Niépce, o Daguerreótipo.

Uma série de outros inventores realizaram o experimento e obtiveram sucesso, fato que provocou protesto pelas partes que questionavam a respeito da descoberta da fotografia. Os temas variavam desde naturezas-mortas, a pessoas mortas (costume que era comum entre as famílias do século XIX); e a acontecimentos históricos apoiando matérias em jornais, por exemplo (como o *The Illustrated London News* que relatou um incêndio de cinco dias que devastou a cidade). Ao longo do tempo, perdem em tamanho e em peso os materiais usados para fotografar, ganhando-se em facilidade e permitindo novas possibilidades de conteúdo a ser retratado.

---

<sup>4</sup>“Em 1839 o mundo recebia a notícia de que era possível capturar a imagem vista na *câmera obscura* – um equipamento de desenho que projetava o que o artista via (...)” (HACKING, 2012 p.8)

Mais tarde, em meio a muitas manifestações e descobrimentos acontecia a primeira exposição dedicada exclusivamente à fotografia, inaugurada em Londres na *Society for the Encouragement of Arts, Manufactures and Commerce* em 1852. De acordo com o censo britânico de 1861, são listados um total de 2.879 fotógrafos, agora a fotografia se estabelece como profissão. Com o slogan: “Você aperta o botão, nós fazemos o resto.” a Kodak lança sua primeira câmera.

Em 1907, o primeiro processo fotográfico colorido viável, o autocromo Lumière, é lançado na França. Na mesma década, nasce a câmera portátil Leica I abrindo a viabilidade para novos panoramas relacionados à independência do fotógrafo amador.

Mas levaria a fotografia a pintura e as artes à extinção? E como se define, ciência ou arte? Ou ambos?

“A atividade artística, enfim, era vista como algo intimamente ligado à *autoria*, enquanto a fotografia, atividade regida por um instrumento mecânico e pelas leis da ótica e da química, nada mais fazia, segundo essa visão, do que registrar, com fidedignidade, a realidade através da luz, sendo-lhe negada qualquer tipo de intelectualidade, de criatividade e interpretação.(...)Já que a arte era, conceitualmente, criação, e a fotografia era considerada mero registro fidedigno da realidade, isenta, portanto, de qualquer indício criativo, passava esta a ser excluída do círculo artístico(...)” (BRAUNE, 2000, p.12)

O índice fotográfico fica descaracterizado com a afirmação, partindo da significação da fotografia não apenas como mimese. Segundo Fernando Braune (2000), em sua obra *Surrealismo e a estética fotográfica*, a fotografia é o referente, específico do seu meio. A fotografia pode ser inserida em qualquer categoria sem se afastar de seu referencial. Como exemplo do Surrealismo na fotografia, Man Ray é um de seus principais artistas e é um caso onde a fotografia e as artes se unem à frente de propostas comuns.

## **ATITUDE FOTOGRÁFICA**

A prática fotográfica está cada vez mais difusa com toda possibilidade comunicacional e imagética proporcionada pela evolução tecnológica onde o “espaço real é substituído pelos espaços virtuais”, como cita Antônio Fatorelli (2000). Os clichês e a irrelevância fazem parte de um mundo em que a fotografia é descartável. Segundo Fatorelli (2005), existem três modalidades que caracterizam os principais momentos da prática

fotográfica. A primeira seria entre os anos 20 e 50 que foram marcados pela análise do inconsciente e da estética purista; outra seria a segunda metade do século 20, com os estudos acerca do olho humano e o estudo da física, química para produção de aparelhos e apetrechos; sendo, a última, portanto, o momento atual da fotografia, absoluto nas aplicações digitais. Entre as principais referências para o estudo da fotografia analógica, destaco a minha experiência como a fotografada. Minha mãe<sup>5</sup> com sua câmera Kodak Star 735 registrava tudo o que podia e mais um pouco do meu crescimento. São vários álbuns repletos de fotos e muitas caixas com negativos revelados guardados. A fotografia vernacular está presente em todas as casas que ainda guardam lembranças de uma época em que as fotografias eram arquivadas e bem conservadas para o “futuro” e se caracterizam por ter esse aspecto amador de quem só quer fazer registros sem pensar em técnicas ou composições.

As fotografias tinham o valor inestimável do registro, das lembranças e dos laços criados pelos momentos. As fotos eram feitas em reuniões, aniversários, nascimentos, comemorações entre outros. Todas com diversos personagens de família, amigos entre outros. Eram poucas imagens por filme e cada foto só era mostrada após o processo de revelação do filme e ampliação. O fácil acesso ao material fotográfico possibilitou uma rápida adesão. Em qualquer banca de revistas se achavam filmes dos mais variados tipos – destaque para o formato 135 ou 35mm, mais comum pela praticidade de uso – com as opções de número de “poses”, geralmente 12, 24 e 36 poses.

Nos anos 1980, surgiram as primeiras câmeras digitais que resultaram no início do que já seria um declínio considerável das analógicas (verdadeiro boom do digital só veio nos anos 2000). Fabricantes anunciavam fechamento das fábricas e suprimentos que antes eram comercializados facilmente sumiam das prateleiras das lojas.

No momento atual, a fotografia é vista com duas faces: a adaptação às novas tecnologias e seus instrumentos de deturpação e pelo julgamento à manutenção do digital e não preservação da analógica. Em seu artigo sobre a passagem da fotografia do papel para a fotografia digital intitulado *Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital*, Erivam Morais de Oliveira (2006), diz: “Há problemas de ordem ética e estética envolvendo a fotografia analógica e digital, há argumentos graves e preocupantes para todos os que buscam a ética e a verdade(...)”. A banalização da fotografia é preocupante. Não se guardam mais memórias com tanto apreço, a fotografia se torna cada dia mais

---

<sup>5</sup> Maria Marques de Araújo e Silva, 56 anos

descartável. Não existe evolução sem perda, porém não podemos esquecer das “novas-velhas” analógicas.

## **AS PERIPÉCIAS DE FATO**

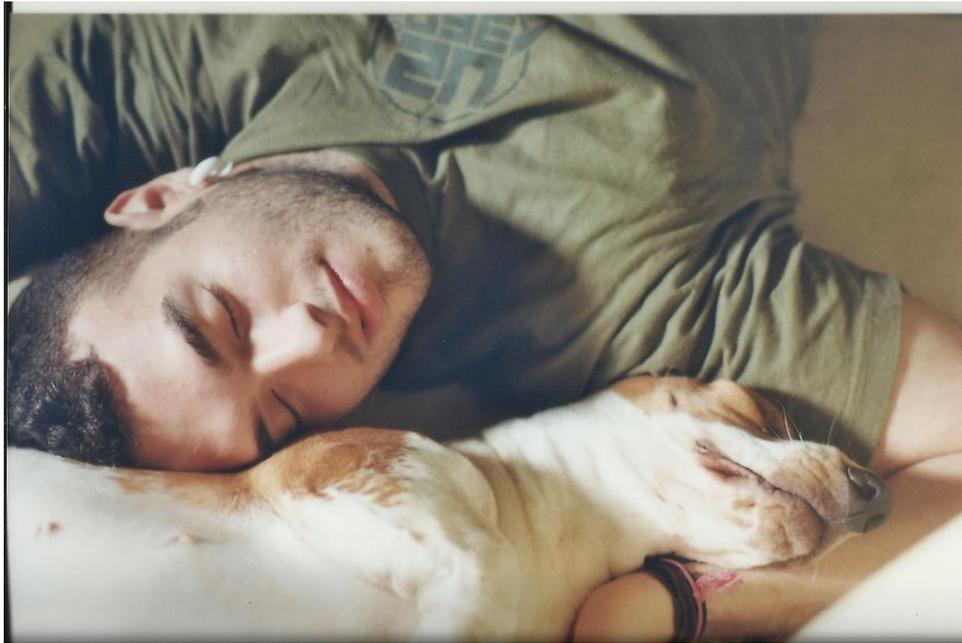
A experiência com as analógicas começou com a escolha da câmera conseguida por um empréstimo na faculdade. Com uma Nikon FM10, câmera reflex com lente fixa de 50mm (a mais manual das disponíveis) e os filmes dois Kodak UltraMax ASA 400 e um Kodak UltraColor ASA 200, associados a muita curiosidade comecei a me aventurar em um mundo até então novo, afinal só conhecia o outro lado da câmera, o de assunto a ser registrado. Foram 108 poses ao todo. Queimei todas. Mas só 89 poses não ficaram super ou subexpostas. Consegui assimilar muito bem o manuseio, tanto no ato de colocar o filme, na regulagem da câmera (ISO de acordo), diafragma, obturador e no rebobinar do filme. A dificuldade para encontrar fornecimento de material e recursos para o uso da fotografia analógica (basicamente compra e filmes e revelação) é a ocorrência do momento. Nela, o processo é manual e instintivo e as maiores dificuldades resumem-se ao manuseio, custo e conservação já citados. Sobre o trabalho, levou-se em consideração a temática da fotografia vernacular e as aventuras nos recursos das analógicas, o que resultou no primeiro contato ilustrado nas fotos a seguir:



**Foto 1. *Ruído***  
**Acervo Pessoal**



**Foto 2. *A recepção***  
**Acervo Pessoal**



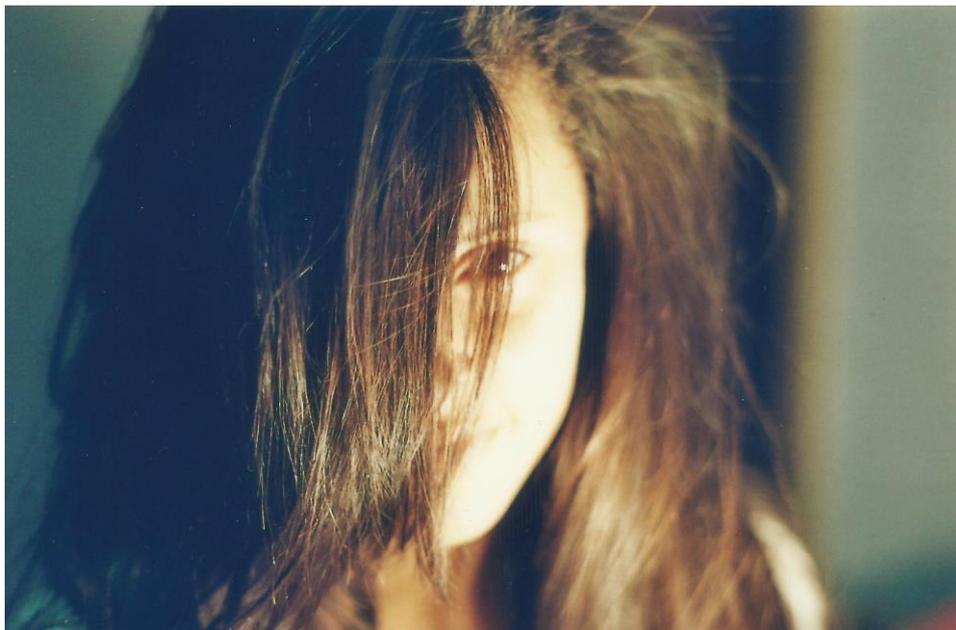
**Foto 3. *Sereno***  
**Acervo Pessoal**



**Foto 4. Mãe com açúcar**  
**Acervo Pessoal**



**Foto 5. *Transparência***  
**Acervo Pessoal**



**Foto 6. *Tinhosa***  
**Acervo Pessoal**



**Foto 7. *Ringo Star***  
**Acervo Pessoal**



**Foto 8. *Dos meus olhos...***  
**Acervo Pessoal**



**Foto 9. *O início do fim***  
**Acervo Pessoal**

## CONCLUSÃO

A qualidade proporcionada pelo tradicional aliada ao nostálgico levam a um caminho quase que viciante. A descoberta de um mundo cheio de desafios, como o da fotografia analógica, faz refletir acerca da valorização. Um filme de 36 poses era usado da melhor forma possível e da maneira mais cautelosa – afinal, eram só 36 poses. O digital veio para fragmentar o valor agregado à fotografia de memória, registro e/ou documento. Dobrar a extremidade do filme, encaixar na câmera, rebobinar, aguardar a revelação e finalmente olhar o resultado nas ampliações: o prazer atado ao receio de falhar. Tal experiência deveria ser vivenciada por todos antes de qualquer contato com as câmeras digitais. Ainda que estudiosos defendam o esquecimento do passado em contrapartida aos movimentos e fenômenos existentes, aos quais são atribuídos valor de “novidade” (mesmo já existindo há anos como, por exemplo, as atuais *selfies* que nada mais são do que adaptações dos autorretratos presentes nas pinturas e entre outras expressões de arte), posso constatar que, assim como a fotografia um dia foi cogitada como motivo para a substituição da pintura, a fotografia analógica não será esquecida tão facilmente.

## REFERÊNCIAS

ASSOULINE, Pierre. **Henri Cartier-Bresson: O olhar do século**. Tradução de Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2012.

BRAUNE, Fernando. **O surrealismo e a estética fotográfica**. Rio de Janeiro: 7letras, 2000.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 2004.

FATORELLI, Antônio. **Passagens da Fotografia**. Rio de Janeiro: Senac, 2005.

HACKING, Juliet. **Tudo sobre fotografia**, 1. ed., Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**, 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MARTINS, Nelson. **Fotografia – Da Analógica a Digital**. Rio de Janeiro: Senac Nacional em parceria com Senac Rio, 2010.

MORLEY, Don. **O Fascinante Livro da Fotografia**. 2. ed. São Paulo: Edições Siciliano, 1897.

OLIVEIRA, Erivam Morais de. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

TOSETTO, Guilherme. **Fotógrafo registra demolição de fábricas de material fotográfico: Robert Burley acompanha a decadência da indústria tradicional de foto. Livro mostra demolições e edifícios de material fotográfico abandonados**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/11/fotografo-registra-demolicao-de-fabricas-de-material-fotografico.html>>. Acesso em: 21 mar. 2014.